

"PAPAGAIOS AMARELOS" EM SÃO LUÍS

Mário BARATA

Um historiador e ex-conservador do Museu de Arte e História, de Genebra - a cidade das mais antigas edições em francês da obra de Jean de Léry sobre os franceses no Rio - publicou um bom livro sobre a fundação de São Luís do Maranhão e a tentativa da França Equinocial, baseado em releitura historiográfica e literária dos episódios em torno desta conquista e de seu final com a vitória dos portugueses e luso-brasileiros, destacando aqui um Albuquerque Maranhão, mestiço de Índia. Refiro-me à recente edição do livro de Maurice Pianzola, *Des Français à la Conquête du Brésil XVIIe siècle/Les Perroquets Jaunes* (ed. Zoe, Genève/L'Harmattan, Paris) no qual o autor reproduz com inteligência e sensibilidade numerosos trechos das obras de Yves d'Evreux e de Claude d'Abbeville, dois capuchinhos que foram os cronistas da tentativa francesa. Todavia, a sua bibliografia e indicação de manuscritos é bem maior; entre os últimos figura um do arquivo estatal de Turim, de 12pp., inédito. Pianzola destaca que o livro de d'Evreux foi destruído na França antes da sua vendagem, salvando-se milagrosamente três exemplares (hoje restam dois). "Papagaios amarelos" é como os tupinambás designavam os franceses normandos, por serem muitos deles ruivos ou louros e por falarem bastante...

Pianzola realça naturalmente a chefia do empreendimento por Daniel de la Touche, senhor de la Ravardiere, que desde 1605 preparava essa fundação da França Equinocial, que realizou em 1612, chegando em 6 de agosto à atual ilha de São Luís, no Maranhão. Seus companheiros mais importantes eram o nobre François de Razilly e o financeiro Nicolas de Harlay. Por indicação régia viajara também com eles Claude des Vaux, que anos antes estivera longo tempo na Paraíba, com índios, e que em 25 de dezembro de 1615 partiria com Castelo Branco para a fundação de Belém, como homem experimentado nas águas e terras de foz do Amazonas. Outros franceses de São Luís haviam viajado, entre 1612 e 1615, até o Pará. Em parte a fundação de Belém decorreria da conquista pelos franceses de base estratégica no Maranhão, ambas tendo acontecido no início do século XVII.

O primeiro capítulo do livro fala-nos dos “embaixadores tupinambás em Paris (homens nus no Louvre)”. Pianzola soube, na obra, destacar episódios ricos de significação ou de malícia, dando atualidade à sua narrativa. Para analisar a expulsão dos franceses cita também o historiador contemporâneo Max Justo Guedes, em seu capítulo na **História Naval Brasileira**, vol. 1. A bibliografia usada é rica e fez deste livro de Pianzola um trabalho importante, não só literariamente, mas também do ponto de vista historiográfico, que fará época nesta última década do século no plano dos estudos do nosso século XVII e suas imbricações com a França e com a disputa entre os colonizadores do Brasil a respeito da opção entre a evangelização e o massacre cruel dos índios, disputa que marcou bastante a chegada cristã ao Novo Mundo, pelas cobiça e violência dos conquistadores.

O governador geral Gaspar de Souza recebera em 12 de outubro de 1612 confirmação do encargo de mandar ocupar a foz do Amazonas, segundo Pianzola, “antes da chegada das informações da conquista francesa” à Península Ibérica. Todavia o rei de Espanha e Portugal já devia estar acompanhando, ao menos desde 1605, as atividades preparatórias da França Equinocial, que se somavam às notícias correntes sobre outros europeus no Amazonas. Tudo confluía para a necessidade de estabelecerem-se fortes lusos na região.

A iconografia publicada no presente livro inclui duas pinturas do holandês Eckhout, uma reproduzindo um tupinambá e outra um índia antropófaga tarairiú”. São obras de 1641. Os franceses não haviam trazido pintores, glória que viria a recair em Nassau, três decênios após, em nosso Nordeste, enquanto os lusos se preocupavam mais com a pintura religiosa para os seus belos templos.